

EDITORIAL:

A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO DAS PESQUISAS E TRABALHOS CIENTÍFICOS NA DIVULGAÇÃO E PARTILHA DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO

MARIA DO CARMO CRUZ*¹, ESMael TOMÁS*², MD

1 - Licenciada em filologia Germânica pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto | Curso de Ciências pedagógicas pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Formadora em Inglês e Relações Interpessoais. Colaboradora da CSE.

2 - Clínica Sagrada Esperança, Luanda, Angola

“Quem não pesquisa, não escreve; quem não escreve, não submete; quem não submete, não é aceite; quem não é aceite, nunca será publicado; quem não é publicado permanece anónimo, e de nada vale um cientista ou intelectual anónimo.”

Autor desconhecido

Permitam-nos, em primeiro lugar, que apresentemos o nosso especial agradecimento aos editores da Revista Científica da Clínica Sagrada Esperança (RevCSE), pelo amável convite para escrevermos o editorial deste número, que é dedicado à temática da importância da investigação científica e sua publicação na nossa realidade.

A frase em epígrafe, transcrita na íntegra, representa, de forma sumária, o objectivo deste editorial e, apesar de tantas vezes citada e recitada, conhecida como a “Regra de Ouro da Escrita de artigos científicos”, foi impossível encontrar o seu autor.

Poderíamos começar por dizer que um dos meios mais importantes de enriquecer a comunidade científica e, no nosso caso especial, o nosso conhecimento de referência, em “países em desenvolvimento”, como é o caso de Angola e de outros países ainda jovens, é a partilha da in-

formação, das experiências, dos casos que vão surgindo ao longo da nossa actividade profissional.

Como sabemos, as realidades com que os médicos nos nossos países jovens têm de lidar, a nível de doenças, são muito diferentes daquilo que os clínicos enfrentam nos “países desenvolvidos” que, por sua vez, publicam as suas experiências com muito maior frequência. Ora é esta mesma diferença de situações, que surge muitas vezes como primeira experiência, que seria de grande utilidade se fosse partilhada, divulgada, dada a conhecer através de meios acreditados. Será assim e só pode ser mesmo assim que se começará a criar um corpo de informação de referência, adaptada à nossa realidade.¹

A divulgação de casos e de conhecimento é praticamente imprescindível para o desenvolvimento continuado e sustentável das políticas de saúde e até da gestão do doente e da sua doença.^{1,2} Sem uma partilha inter pares mais frequente daquilo que se vai praticando com êxito, esse mesmo resultado positivo perde grande parte do seu valor ao não ser divulgado. Por outro lado, as condições para que o médico redija, partilhe e divulgue os seus casos são muito mais constrangentes, dado que,

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:

MARIA DO CARMO CRUZ

ENDEREÇO: Rua Dr Pedro Augusto Ferreira, 121, primeiro Esquerdo,
4200-440 Porto, Portugal

EMAIL: carmo.cruz2@gmail.com

a tudo o mais, acresce ainda a necessidade de lidar com endemias e epidemias frequentes (síndromes febris agudas, doenças diarreicas agudas, doenças respiratórias agudas, etc.).

As universidades, igualmente, sentem a necessidade e estão constantemente a pedir/exigir aos seus docentes que publiquem trabalhos de investigação que possam servir tanto aos médicos já formados como aos seus estudantes, inculcando-lhes um gosto saudável pelo desafio da produção e divulgação científica.

Estabelecida assim a necessidade e a utilidade da divulgação de comunicações científicas e estando certos de que temos entre nós profissionais capacitíssimos para o fazer, por que será tão difícil encontrar quem esteja disposto a publicar as suas experiências, casos, aspectos, resultados inesperados, situações de difícil desenvolvimento e resolução que ocorrem durante o desempenho do seu múnus e, por que não, as suas dúvidas?

Em primeiro lugar, julgamos que os horários profissionais sobrecarregados, as suas funções na gestão das instituições hospitalares e ainda o seu precioso e exigente trabalho como docentes universitários, serão os primeiros óbices a considerar.^{3,4}

Além da falta de tempo, sobrecarga de trabalho, e restantes aspectos, a verdade é que o facto de a publicação destes trabalhos não ser remunerada não funciona propriamente como elemento motivador. Quando a publicação é feita em revistas de estabelecimentos hospitalares privados nem sequer se costuma pôr a questão de um pagamento e mesmo quando são as universidades a pedir/exigir aos seus docentes que o façam, a eterna falta de fundos com que se debatem impede que esses trabalhos sejam remunerados.

O que é necessário divulgar cada vez mais é que essas publicações-partilhas não só são úteis e necessárias ao país, como ainda são, em si mesmas, promotoras de prestígio pessoal dos seus autores que, a médio ou a longo prazo, delas retirarão as devidas e justas compensações, quer no reconhecimento e progressão da sua carreira profissional, quer a título de remuneração.⁴

Não podemos escamotear ainda uma outra dificuldade que retrai a vontade de alguns clínicos publicarem trabalhos seus, tanto em revistas científicas acreditadas junto de estabelecimentos hospitalares, públicos ou privados, como em publicações ligadas às universidades onde se formaram e onde até exercem a docência: a verdade é que, por razões muito diversas, umas vezes isoladamente outras complementarmente, eles não se sentem à vontade para redigir. Fique claro, desde este momento, que esta incapacidade nada tem a ver com a sua capacidade e competência profissionais e afirmemos desde já que esta é uma situação muito comum nos países africanos, especialmente nos mais jovens, em que os médicos pedem, sugerem e frequentam cursos de escrita científica mais ou menos longos (sendo estes últimos geralmente designados por retiros para escrita), oficinas de escrita, entre outros, especialmente nas universidades. Outro aspecto que é considerado simultaneamente essencial e constrangedor é a necessidade de seguir uma metodologia expositiva que exige a aquisição de algumas estratégias.⁴

CONSELHO EDITORIAL

EDITOR

Rui Veiga Pinto

EDITORES ASSOCIADOS

Emanuel Catumbela
Esmael Tomás

CONSELHO DE REDACÇÃO

Êvena Martins	Mahinga Ribeiro
Manuel Vunda Tinta	Maria Esther
Nádia Brock	Neusa Paula
Ndenga Tomás	Roygue Alfredo

CONSELHO CIENTÍFICO

Armando Jorge T. Lima	Conceição Pitra
Luzia Ribeiro	Georgina Vandúnem
Manuela Neto	Maria Helena V. Pereira
Fernando Barata	

SECRETARIADO

Anair Olim

REVISÃO

Maria do Carmo Cruz

EDITOR GRÁFICO

Eduardo Brock

IMCS: 477/B/2007

Apesar de, de um modo geral, as revistas científicas terem um corpo redactorial que verifica e sanciona a veracidade dos conteúdos e a sua expressão escrita (e cujas alterações são sempre propostas aos autores antes de passarem à fase final), não será de todo descabido seguir os exemplos que nos vêm de outros países africanos e promover oficinas de escrita científica.

Com o apoio de médicos mais velhos, que reconhecidamente tenham dado provas da sua apropriação da língua em que escrevem, mas também indubitavelmente com o apoio das estruturas directivas, quer nas faculdades, quer nos hospitais e clínicas, que deveriam incluir um determinado tempo-espço para a escrita e divulgação de casos. Com estas sugestões ou outras que cumpram o mesmo objectivo, o importante é sentirmo-nos sensibilizados para esta necessidade/obrigação de partilhar e divulgar as nossas experiências para o enriquecimento de todos.

E foi para receber e publicar jubilosamente os trabalhos, pesquisas e conclusões realizados pelos nossos distintos Colegas que a RevCSE foi criada. Os objectivos vão-se concretizando e, neste número, serão apresentados vários artigos nas diferentes secções da RevCSE, a saber: um artigo de opinião sobre tecnologias de Informação em Saúde; dois artigos originais: um sobre o ensino Médico baseado em simulação e outro na área de microbiologia Identificação Microbiana e Detecção das Resistências aos Agentes Antimicrobianos pelo Sistema Vitek 2 Compact; um artigo de iniciação científica sobre a avaliação da sonolência excessiva diária em estudantes do ciclo clínico da Faculdade de Medicina da Universidade Agostinho Neto; três casos clínicos: um sobre Carcinoma de células escamosas do pénis, outro sobre o Síndrome de Potter e um último sobre taquicardia paroxística supraventricular como forma de apresentação de um aneurisma submitral; e, finalmente, um póster sobre estratégias de prevenção de mordeduras de cobra em Angola.

Bem Hajam...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Sambo MR, Ferreira AVL. Current status on health sciences research productivity pertaining to Angola up to 2014. *Health research policy and systems*. 2015; 13:1: 32.
2. Peters DH, Adam T, Alonge O, Agyepong IA, Tran N. Implementation research: what it is and how to do it. *BMJ*. 2013;347:f6753.
3. Volmink J, Dare L. Addressing inequalities in research capacity in Africa: All sides in partnerships must ensure that research aims to improve the health of all. *BMJ: British Medical Journal*. 2005;331(7519):705-706.
4. Kramer, B, and Elena L. "Writing for publication: institutional support provides an enabling environment." *BMC medical education*. 2016:1: 115.